

Moacyr de Góes.

Magnífico Reitor Genivaldo Barros

Autoridades presentes

Colenda Congregação Universitária

Prezados Estudantes

Minhas Senhora:

Meus Senhores

Queridos Paraninfados:

Vim. Aqui estou, porque sempre procurei responder presente aos chamamentos da juventude, da educação e do Rio Grande do Norte.

Venho, agora, atendendo ao vosso convite, queridos paraninfados, com muita honra para mim, intensa satisfação e muita humildade.

Sinto, hoje, que a minha maturidade e a vossa juventude se caldeiam nesse nosso chão da terra comum e que os sonhos que me embalaram pela vida à fora renascem e se fortalecem na vossa opção de me chamar para proferir a vossa derradeira aula, nesta nossa Universidade do Rio Grande do Norte, tendo como patrono dela o maior educador brasileiro, o nosso muito querido Professor Paulo Freire.

Desse passado construído - o de Paulo Freire e o meu e do vosso futuro em construção, meus paraninfados, construímos, hoje, o nosso presente. E, hoje, aqui, o fazemos sem medo, tranquilos, sabendo, vós e eu, que o nosso compromisso maior é com a História e com a Vida.

A vossa opção de hoje, queridos paraninfados, demonstra que vós e eu temos um traço muito forte em comum que é o olhar para o futuro com desafio, com o sadio inconformismo dos que fazem da esperança um dos instrumentos de trabalho para a necessária transformação social. Sabendo disso eu vos trouxe, para o início do nosso colóquio de hoje, a lição do historiador LUCIEN FEBVRE que diz:

"Para fazer História, virem resolutamente as costas ao passado e antes de mais nada vivam. Envolvam-se na vida. Na vida intelectual sem dúvida, em toda a sua variedade(...) mas vivam, também uma vida prática. Não se contentem em presenciar do litoral, preguiçosamente, o que se passa no mar em fúria."

Esta lição de LUCIEN FEBVRE tem sido a prática do vosso patrono Paulo Freire, bem o sabeis, e, sem falsa modéstia, posso vos dizer, de uma certa forma, também, a minha prática.

Aí está, então, o nosso traço comum - vosso e meu - de que falava há pouco: a vossa juventude e a minha maturidade, juntas, olham na mesma direção e, através de um pensamento crítico, percebem que o hoje na sociedade brasileira, ainda não é o Dia do Homem e que este Dia precisa ser construído, sem exclusões, com amor, com coragem, transformando a realidade presente e caminhando para um locus em que seja possível a edificação do "homem todo e de todos os homens", de que falava PAULO VI, mesmo que o mar esteja em fúria, como ensina FEBVRE.

Assim, como sociedade, estamos numa caminhada, num processo, que permeia, necessariamente, a educação e, consequentemente, a universidade brasileira. E nós, "eterno viajor da eterna senda", para citar o verso de CASTRO ALVES, temos que ter os olhos bem abertos para não perder a rota do caminho e não cair no canto de duas sereias que disputam, hoje, a opinião pública.

blica do país. A sereia conservadora que canta o imobilismo com medo de avançar do processo social. E a sereia de uma liberdade ambígua, individualista, que desconhece o social e se confunde com libertários e liberticidas, que acena com o voluntarismo como forma de resolver ao seu nível biográfico a questão da democracia, esquecendo que esta só pode ser resolvida ao nível da História.

Sabeis que Ulisses, depois de Troia, lutou dez anos, no ^{MAR}amor, contra as sereias, mas, no final, encontrou a sua Itaca. Assim, convoco-vos à mesma resistência. Sabemos - vós e eu - que há uma Itaca e que as sereias do imobilismo e do voluntarismo não impedirão a nossa chegada àquele porto. E vós digo mais: a nossa tarefa - a vossa e a minha - é mais árdua do que a de Ulisses, pois, nós, educadores e educandos, temos que tecer, também, as vestes de Penélope. Temos que tecer o hoje, da universidade brasileira, com as suas imensas dificuldades, mas com os olhos postos no futuro, quando, muita coisa terá que ser refeita, ou feita de forma diferente nas vestes de Penélope, na face da Universidade. Assim, o que se espera de nós - de vós, de mim, da comunidade universitária - são demonstrações de competência: competência técnica no exercício profissional e competência política no exercício da cidadania.

Para tecer e des-tecer e mais se livrar das sereias imobilistas e voluntaristas da universidade brasileira, talvez, o melhor mesmo seja ouvir a lição de MARX quando afirma em "Crítica da Educação e do Ensino" (1):

"Por um lado é preciso uma mudança das condições para criar um sistema de instrução novo; por outro lado, é preciso um sistema de instrução já novo para poder mudar as condições sociais. Por conseguinte, é preciso partir das condições atuais."

E quais são as "condições atuais", para pegar MARX na palavra?

São de grandes dificuldades e não precisa ninguém vir nos dizer isto.

Sabeis que eu nunca desempenhei um mandato na Universidade - o meu lugar foi sempre dentro da sala de aula. Mas posso calcular as dificuldades vividas para gerenciar uma organização, quando não se tem o poder decisório sobre a área de orçamento.

A título até de curiosidade transcrevo a informação de FRANCISCO DE OLIVEIRA e WANDERLEY BORGES (2) sobre os investimentos públicos para a universidade brasileira, cujos índices de mostram uma grande irracionalidade, senão vejamos:

- Entre 1963 a 64: Expansão de 29%
- Entre 1964 e 65: Acrescentam-se 49% (apesar da aguda recessão econômica).
- Em 1966 : queda de 16%
- Em 1967 : aumento de 18%
- Em 1968 : cresce menos 9%
- Em 1969 : pula para mais de 23%
- Em 1970 : cresce apenas 1% (ano do "milagre brasileiro").
- Em 1971 : queda de 1%
- Em 1972 : cresce 27%
- Em 1973 : queda de 9%
- Em 1974 : queda de 6%
- Entre 1976 e 77: expansão de 23% (ano este em que a economia já havia deixado de ser "milagrosa").

Nesta verdadeira "dança de São Guido" (como dizem os autores), como gerenciar ensino e pesquisa que são, sempre, atividades de médio e longo prazos?

Acredito nas noites de insônia das autoridades universitárias, quando na gestão da coisa pública (da república dos romanos) não adivinham se os gabinetes de Brasília vão, através da educação, injetar ou enxugar recursos que a economia do país, como um todo, está a exigir.

Apesar da citação um pouco longa, valeria a pena conhecer o pensamento de JOSÉ ARTHUR GIANNOTTI sobre o assunto. Diz ele (3):

"Durante a vigência do capitalismo concorrencial, o Estado vinha suprir às necessidades da educação em geral, funcionando como espécie de mentor sempre atento às vicissitudes do desdobramento integral da sociedade capitalista. Se fosse preciso bastante mão-de obra com grau mínimo de qualificação, compareceria ele munido dum plano popular de educação gratuita e obrigatória(...)... havia certa funcionalidade entre as necessidades a serem cumpridas em nome da dominação geral do capital e os recursos efetivamente disponíveis no erário público.

Essa mesma relação hoje em dia se sobredetermina pelas novas funções que o Estado ganha como gestor das crises(...) e de assegurar a permanência (da sociedade capitalista) graças a uma política de investimentos onde a educação configura item importante."

E logo depois o pensamento de GIANNOTTI vai explicar o porquê da "dança de São Guido" dos investimentos públicos para a universidade brasileira:

"Suponhamos que esteja (o Estado) tratando de aquecer a economia por meio de emissões inflacionárias; em consequência cresce no orçamento o item educação. No momento não possuí os valores que está dispendendo, nem tais gastos precisam corresponder às neces-

sidades reais da população escolar.

Noutra instância, para provocar uma sadia recessão, pode restringir os investimentos, pouco importando se com isso planos e pesquisas em andamento possam ir de água abaixo, num desperdício totalmente irracional do ponto de vista do funcionamento da escola."

Eis o drama da Universidade, como instituição, que atinge, violentamente os seus corpos discente, docente, dirigente e de funcionários.

Por isso é que repito aqui o que já afirmei tantas vezes: a questão da educação não é somente uma questão pedagógica, mas é, também, e principalmente, uma questão política.

À denúncia faço, também, o anúncio: não se resolvendo a questão da educação entre quatro paredes de uma sala de aula, esta questão terá quer ser resolvida pela discussão política e amplamente democrática.

Vamos refletir juntos - vós e eu.

No seu nascedouro a Universidade era um pequeno grupo. Lembrai-vos que na Idade Média alguns livros traziam na primeira página a inscrição ad usum delphinis. Mas de lá para cá o mundo mudou muito. Aqui não é hora de discorrer sobre este amplo e profundo processo. Basta atentarmos - vós e eu - para o fato de que hoje a Universidade já é uma organização de massas. Antigamente (ainda na minha geração estudantil) todos se conheciam dentro de uma Escola. E era possível, permear à Universidade aquele " arraigado sentimento mandarinesco e deliberado distanciamento seletivo" de que nos fala ANTONIO CANDIDO (4).

Mas o mundo mudou. A explosão urbana correspondeu a uma invasão da baixa classe média dos espaços universitários, antigamente reservados aos eleitos.

E, como as estruturas universitárias não se transformaram com a rapidez e a profundidade necessárias, a função da universidade brasileira permanece ambígua e o magistério superior sofre o risco de se transformar numa classe "lumpenizada" de que já falou uma professora da UNICAMP.(5).

Ora, se são novos os tempos, novos têm que ser os comportamentos políticos.

Acredito que ficou bem demonstrado que a universidade brasileira não tem tido condições de ir buscar no bolo do orçamento da União a parcela que lhe cabe (também porque ainda não está bem definido o que fazer com esses recursos, mas, isso já seria outra história...).

Por que ?

Um dos motivos que me ocorre - e certamente não será o único - é que o diálogo da Universidade brasileira com o Estado ainda se faz, apenas, pela sua cúpula. Ora, numa organização de massas uma cúpula que não tenha ampla representatividade será necessariamente fraca, de voz débil. Os mandarins são belos nas estufas ou nas suas próprias cortes - expostos ao clima seco e à solidão do planalto central, em Brasília, se extiolam e perdem a força. E, apesar de generosos esforços, que os há, voltam às suas unidades, sem os recursos necessários ao ensino e à pesquisa.

Qual a solução? Não há receitas. Mas há caminhos. Um destes caminhos, me parece, é a democratização interna da Universidade.

Vejo, com esperanças, que articulações difíceis, no passado, já começam a ser exercidas, hoje. Agora, já são visíveis os canais de representação de professores, de estudantes e de funcionários. Ora, estas três categorias é que fazem uma univer-

sidade. Uma Universidade não é construída nos gabinetes de Brasília. Uma Universidade é construída nas salas de aula e nos laboratórios onde se encontram, justamente, estas três categorias: professores, estudantes e funcionários.

Se o meu raciocínio estiver certo, se a universidade brasileira já for, hoje, uma organização de massas, com milhões de pessoas integradas em sua produção, então, há que se dar voz e voto a professores, estudantes e funcionários, democraticamente, para que se obtenha a participação de todos, a legitimidade e representatividade das lideranças, a comunhão da comunidade. E isso precisa ser feito em profundidade, isto é, na discussão do orçamento.

Há um desafio que gostaria de apostar nele: no dia em que qualquer universidade brasileira discutir, com delegações legítimas de professores, estudantes e funcionários, a sua questão orçamentária, isto é, onde e quanto alocar recursos e as suas prioridades, o consenso desse resultado fortalecerá o seu Magnífico Reitor para defender o seu programa em Brasília. E mais: se houver um insucesso em Brasília, hipótese que não deve ser descartada, a comunidade desta Universidade estará, solidariamente, madura para os cortes e as privações.

Sei que mais do que ousada, a proposta é trabalhosa e espinhosa. Mas, acredito, este é o caminho da democracia, que nem sempre é feito de discursos e flores. Sempre será preciso mais transpiração do que inspiração.

Mas há outro drama que se desenvolve intra e extra-muros da Universidade: a via crucis de seus alunos.

Não falo dos vossos colegas que começaram os cursos convosco e que não estão aqui, nesta noite de alegria de conclusão. Sei que eles correspondem a 85% da "travessia" brasileira entre 1964 e 1974 - apesar do crescimento de matrículas e conclusões do período (6).

Falo de vós mesmos, aqui presentes, que saídos dos angélicos bancos acadêmicos encontrareis uma sociedade em recessão econômica, com graves conflitos sociais e desemprego.

Hoje, há uma nova divisão de trabalho intelectual no Brasil. A produção pinça o homem que tem uma boa base de ensino formal e treina-o, rapidamente, para as novas funções que lhes sejam necessárias. Por isso se diz, com propriedades, que, com um treinamento a mais um sociólogo pode desempenhar tarefas numa investigação de física num grande laboratório, e um químico se preparar para um posto burocrático.

Com isso a Universidade brasileira poderá estar preparando um "exército intelectual de reserva" como diz GIANNOTTI e distorcendo o perfil de seus egressos.

Mas, neste campo já estamos falando de encarreiramento e sobre isso, segundo pesquisa estudada por LUIS ANTONIO CUNHA em seu último livro (deste ano) "A Universidade Crítica (7)", o estudante já percebeu que:

"as implicações sociais de sua ação são amplas, ou seja, que mais do que o padrão vigente de carreira, o que realmente deseja transformar é a ordem que o produz assim."

Ora, é este amadurecimento dos estudantes universitários que me leva a falar assim duramente, sem véus cor-de-rosa.

Por outro lado é preciso ver a realidade, julgá-la e agir para transformá-la, como recomenda a metodologia da Teologia da Libertação. E mais: não ficar só na denúncia - evoluir, também, para o anúncio e proclamar que este é um País viável, de grande potencialidade econômica; que este é um Povo viável que, historicamente, já demonstrou a sua identidade, a sua capacidade, a sua competência.

Assim, com as vossas esperanças e a minha experiência, com a vossa juventude e com a minha maturidade, mas, principalmente com a nossa praxis comum e em pé de igualdade vós e eu - poderemos nos articular muito bem nesta jornada da superação das dificuldades de hoje.

Até aqui, então, meus queridos paraninfados, a pouca visibilidade que posso oferecer para enxergar as "condições atuais", das quais "é preciso partir", de que fala MARX. Isto no âmbito da competência da universidade brasileira.

Mas, é evidente, isso é insuficiente. A universidade não pode ser avaliada isoladamente - principalmente quando optamos por uma visão política de globalidade de situação. Então, há que abrir a moldura e nela integrar o atual desenvolvimento das forças produtivas do país; o seu processo socio-político-econômico-cultural; a sua situação de capitalismo dependente-associado ; a sua sociedade dividida em classes, etc, etc.

Aqui, naturalmente, não há tempo nem espaço para todas essas análises, mas, caberia uma ligeira reflexão sobre o dia de hoje - "situado e datado", como gosta de dizer Paulo Freire.

Então, aos meus olhos - e esta é uma visão de mundo, pessoal, que, poderá não ser, essencialmente, a vossa, nem a da colenda congregação da UFRN - o 1983 brasileiro é assinalado pelos aspectos seguintes:

- . a exaustão do estado autoritário a nível político;
- . a inviabilidade, momentânea, da economia;
- . a perplexidade das elites sociais e a insatisfação das classes subalternas, arrolando nestas os assalariados;
- . o impasse institucional;
- . a soberania nacional em risco.

Como a permanência numa situação que se deteriora é impossível, podem estar sendo abertas à sociedade civil brasileira duas alternativas principais: a do golpe de estado ou a do aprofundamento das conquistas democráticas.

Ringuei
A esta altura dos acontecimentos, me parece, o golpe de estado seria o recrudescimento do viés autoritário e, desta vez mais perigoso ~~do que o de 1964~~ pois, agora, não contaria com o respaldo social ~~que, então, tinha~~.

A outra alternativa - o aprofundamento das conquistas democráticas - seria a via através da qual um amplo processo de participação social e política seria estimulado, em todos os níveis, e, no seu limite, um novo pacto social celebrado em que se garantiria, de fato e de direito, a cidadania ao homem e a soberania à nação.

Faço votos que as lideranças responsáveis desse país optem pela segunda alternativa - que é, sem dúvida, a mais difícil e que terá que ser gerida com extrema competência; despojamento de ambições pessoais e oligárquicas; comprometida com o país real e não como falso país legal.

Meus paraninfados:

Sei que falei demais, que já cansei a vossa paciência. Pardoai - porque falar demais é desvio profissional de professor: e eu nunca passei disto, desde a minha adolescência.

Mas, quero vos contar uma história, uma bela história. Sabeis que nos anos 30 houve uma forte radicalização política. A ascensão do nazismo na Alemanha e do fascismo na Itália ameaçavam incendiar o mundo - como de fato o fizeram com a II Guerra Mundial.

No Brasil formou-se uma poderosa frente anti-fascista-sabeis que estou falando da Aliança Nacional Libertadora - que tendo mobilizado em seu favor a opinião pública, caiu, todavia, no equívoco de apelar para a sublevação armada, em 1935. Sufocada a rebelião, a repressão fascista desabou sobre o vosso e o meu país e só voltamos a respirar em 1945, com a vitória aliada na Europa e na Ásia.

Pois bem, em 1935 era Secretário de Educação e Cultura do Distrito Federal o Professor Anísio Teixeira, um nome ím-par dos nossos quadros intelectuais.

As pressões da reação sobre o Governo do Prefeito Pedro Ernesto foram tamanhas que Anísio Teixeira se demitiu. O Ma-cartismo não nasceu nos Estados Unidos: ele fez a sua estreia, no Brasil, de 1935-45;

Demitido, despojado do poder, Anísio Teixeira, tinha, todavia, na gaveta, um livro que consubstanciava a sua experiência de educador no Distrito Federal, de 1931 a 1935. Neste livro que significativamente se chama "Educação para a Democracia", estão algumas idéias dele, também, sobre a Universidade.

Trouxe para vós este presente, meus paraninfados, uma vez que para o corpo docente da Universidade esta é uma lição que já deve ter sido aprendida.

Diz Dr. Anísio Teixeira (infelizmente não é possível transcrever tudo): (6)

"...a Universidade é, e deve ser, a mansão da liberdade. Os homens que a servem e os que, aprendendo, se candidatam a servi-la, devem constituir esse fino ideal da espécie para quem a vida só vale pelos ideais que a alimentam.

Essa bravura é que os torna invencíveis. Não morrem em vão os que morreram por esse ideal de um "pensamento livre como o ar"...(...)

(...) É que a liberdade é uma conquista que está sempre por fazer. Desejamo-la para nós, mas nem sempre a queremos para os outros.

Há na liberdade qualquer coisa de indeterminado e imprevisível. Ser livre importa em aceitar as consequências, sejam quais forem. Ser livre importa em seguir a idéia até onde ela nos levar"... Por isso só podem amar a liberdade os que realmente tiverem provado, até o fundo, a insignificância da vida humana, sem o acre sabor desse perigo(...). Todos os que desapareceram nessa luta, como ~~todos~~ todos os que hoje nela se batem, constituem a grande comunhão universitária.

Dedicadas à cultura, e à liberdade, as Universidades estão sob o signo sagrado que as faz trabalhar e lutar por um mundo de amanhã, fiel às grandes tradições liberais da humanidade."

Ao ler, com emoção estas palavras eu fico pensando , meus queridos paraninfados, que, passados quase 50 anos, a História não guardou os nomes dos reacionários e fascistas, que retiraram Anísio Teixeira da construção da educação do Distrito Federal em 1935, e, em compensação, ela História, guardou o seu canto claro em defesa da liberdade e da Universidade, canto este que vos peço, plantai em vossos corações.

Finalmente, meus paraninfados (e este finalmente soa como o som do avarento argentário que gostaria de guardar, por mais tempo, este convívio convosco) - finalmente, quero vos confessar um pecado de orgulho, este, redimido, agora, perante Deus e os homens pelo vosso convite: há muito esperava a noite de hoje. Desde 1958, dos tempos da velha Faculdade de Filosofia do Diretor Edgar Barbosa, do Secretário Anibal Dêlio, do Reitor Ono

fre Lopes e dos professores que teimavam em tirar do nada um ensino superior de 3º Grau.

Destes colegas não faço a relação completa, com medo de que a memória cometa injustiças; mas não posso esconder que, nesta hora, me lembro de Luis Ignácio Maranhão Filho, Margarida de Jesus Cortez, Nisia Bezerra, Alvamar Furtado de Mendonça, Clea Bezerra, Zarita, Nubia Borges, Severino Fernandes de Oliveira, Esmeraldo Siqueira, Manoel Barbosa, João Wilson Mendes Mello, Max Azevedo e tantos outros mestres pioneiros que ficaram marcados na minha afeição.

Sim, sempre sonhei com este momento. É verdade que no meu sonho ele surgia um pouco diferente: seria uma noite de conclusão de um longo convívio em que juntos houvéssemos crescido nas minhas aulas de História da América e nos embates da luta por uma Universidade não excludente, democrática, participativa, à serviço, também, das classes subalternas e da cultura brasileira. E mais: que entre vós estivesse sentado, também, um dos meus cinco filhos. Assim era o sonho, porque ele traduzia sempre a vontade de oferecer a minha força de trabalho diretamente ao Rio Grande do Norte.

Sabeis, todavia, que o "mar em fúria" de que fala FEBVRE me levou para longe, justamente porque eu não fui um espectador da vida, preguiçosamente postado no litoral.

Mas, vós me chamastes e o sonho desta noite se realizou, com grande felicidade minha e, também com a constatação de que o pensamento de Bachelard (que recolhi do último livro de Moacyr Cirne) é verdadeiro(8):

- "O sonho é mais forte do que a experiência".

Concluo agradecendo o vosso carinho, meus queridos parainfados - pois foi ele que cimentou de concretude o meu sonho

e me trazendo à vossa presença, nesta noite, o meu sonho foi mais forte do que a minha experiência de 19 anos de ausência desta Casa e do vosso convívio.

Tenho que terminar e não sei fazê-lo. A emoção é mais forte do que meus limites. Dentro dos meus limites está o convívio com docentes e discentes, numa comum sala de aula; dentro dos meus limites está a prática de luta política solidária a operários e camponeses; dentro dos meus limites está o amor construído com a minha companheira e os meus filhos; dentro dos meus limites está a eterna rebeldia contra a injustiça e mais algumas coisas, que seria enfadonho enumerar.

Mas, dentro dos meus limites não tive a oportunidade de cultivar, ainda, a grande honra que me dais nesta hora. Por isso a minha despedida será feita, por dois versos de MAYAKOYSKI, o poeta que cantou momentos dos mais significativos da humanidade.

O primeiro verso falará do nosso convívio, hoje. O segundo verso será a minha derradeira palavra que deixarei em vossas mãos.

"A noite obrigou o céu a uma servidão de tantas e tantas estrelas
É a hora em que a gente se eleva
É a hora em que a gente se fala"

Eis o segundo verso, que vos dedico:

"Em mim a anatomia ficou louca
Eu sou todo coração."

Muito obrigado.

NOTAS.

- (1) citado por Guiomar Nanno de Mello in "Magistério de 1º Grau: da competência técnica ao compromisso político".
- (2) OLIVEIRA e BORGES - "Notas intempestivas sobre a questão da Universidade" in Estudos CEBRAP, 27 - SP - 1980.
- (3) GIANNOTTI - "Notas intempestivas sobre a questão de Universidade" - in Estudos CEBRAP, 27 - SP - 1980.
- (4) ANTONIO CANDIDO - "Universidade e política" in Encontros com a Civilização Brasileira nº 27 - Rio, 1980.
- (5) Citado por Antonio Candido - op.cit.
- (6) OLIVEIRA E BORGES - op.cit.
- (7) CUNHA - "A Universidade Crítica" - Ed. Francisco Alves - Rio-1983.
- (8) CIRNE MOACY - "A biblioteca de Caicô" - Liv. José Olimpio Editora, Rio, 1983.